

## **O Anônimo Excludente: Experimentações do Corpo-subjetividade de uma Mulher Negra em um Ambiente Digital de Anonimato<sup>1</sup>**

Pollyane Belo<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **RESUMO**

Este artigo se propõe a pensar as reações e afecções sofridas por uma mulher negra brasileira em um chat anônimo internacional que omite qualquer tipo de marcação identitária a priori. Identificou-se que o auge da perturbação das trocas de mensagens foi o momento do desvelamento da raça e/ou da nacionalidade da Sujeita. A partir daí a subjetividade por trás da tela do computador foi assimilada e correlacionada pelos seus interlocutores a uma corporalidade negra e/ou brasileira, e desta compreensão eclodiram diversas relações de poder e respostas heterogêneas sobre as quais este trabalho se debruça e examina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher negra; anonimato; racismo.

O cenário de concepção deste artigo respalda a experiencição de si eivada pelo mundo e se concretiza na ordem das vivências racistas e sexistas do cotidiano material transplantadas para o setor da virtualidade tecnológica. O questionamento básico do trabalho converte-se na seguinte questão, “como eu me torno dentro de um mundo que abdica da pluralidade de sujeitos<sup>3</sup>?”. Para penetrar na malha virtual recorreremos a um artifício propício para interações sem imagens ou qualquer tipo de identificação dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, e-mail: pollyanebelo@gmail.com

<sup>3</sup> Alguns termos neste artigo existiram com a terminação “e” quando referenciados a situações mais gerais, sem delimitação das experiências específica da Sujeita com os seus parceiros. O intuito disso é a maior inclusão das singularidades que perpassam todas as possibilidades de gênero no arcaouço do que se diz humano. Comumentemente é utilizado o termo com um “x” no final, porém para uma maior possibilidade de tradução da palavra escrita por artificios tecnológicos capazes de transmutar este artigo em um áudio-texto, faço-o com o intuito de torná-lo acessível para todos os sujeitos que não podem lê-lo por meio da forma normatizada.

---

indivíduos envolvidos: o website *Omegle*, dispositivo que atua como mediador de interações de pessoas em um ambiente de anonimato completo.

A plataforma lançada há oito anos possui o modo de interação *text* que não exige nenhum tipo de informação prévia ao indivíduo, não há *nicknames* (apelidos), fotos de identificação, ou qualquer tipo de *login* para conversar com um desconhecido. O anonimato encontrado no “submundo” das ferramentas de sociabilidade virtual subsume e transforma o questionamento primário - “como se dá o *tornar-se* dentro do submundo anônimo (que abdica da pluralidade de sujeitos)?”. É importante lembrar que essa experimentação de si, contém um elemento importante na sua diferenciação das outras baseadas no mundo “real”, ela está cerceada pela intervenção de um *indivíduo externo e anônimo* que influenciará no processo de subjetivação desse *eu*.

Tal ideia veio à tona em um diálogo travado informalmente, no mundo das coisas vigentes e das coisas visíveis, na convencionalidade de um almoço tardio acompanhada da Sujeita desta pesquisa<sup>4</sup>, já familiarizada com o website e seus obscuros interlocutores. O incômodo fulcral explicitado pela Sujeita neste espaço, durante o compromisso, foi o alto retorno negativo que a mesma sofria ao revelar dois marcadores sociais de opressão que atuam sobre seu corpo na radicalidade do presente visível: sua raça, negra, e sua localidade geográfica-cultural, Brasil.

O anseio deste artigo, apoiado na urdidura compositora da Sujeita, assim como das narrativas que a trespassam e partem dela, foi de restituir a existência da mesma segundo a análise dessa compilação inundada de colocações que se mostraram hermeticamente redutoras. É o desejo de entender a maquinaria do racismo e a partir daí fazer um esforço de minimamente riscar sua superfície. Na falta do talento e da vivência necessária deste lugar, o qual me atravessa apenas parcialmente com respingos racializados sobre meu corpo em uma conjuntura social abissalmente racista e desigual, apresento esses resmungos acadêmicos. Apresento os cerzimentos dos encontros travados entre a pesquisadora e a Sujeita e tantos outros anônimos cujas reminiscências se consolidam aqui.

---

<sup>4</sup> O nome da Sujeita voluntária-participante desta pesquisa foi omitido a pedido da própria.

---

## O *chat-online*

Um sistema de observação foi adotado onde a pesquisadora contemplava as conversas da voluntária-participante (ou Sujeita da pesquisa) no website. Quatro sessões de no máximo uma hora cada foram realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2017. O sistema oferece três formas de interação: a primeira é o videochat, nesta opção o usuário compartilha imagens e sons por meio da sua webcam e microfone, além de poder escrever textos no lado direito da tela; a segunda é o modo *spy*, nesta configuração o usuário formula uma pergunta que será atribuída a uma conversação entre dois outros indivíduos, e na qual o primeiro não poderá interceder, apenas *espionar*; e a última possibilidade de diálogo se traduz na opção *text*, no qual a troca imagética e sonora desaparece e encontra-se apenas a caixa de texto para permuta de mensagens entre dois usuários. Os dois primeiros modos de interação foram excluídos da análise e o último ocupou o ponto nevrálgico de observação nesta pesquisa.

Não foram implementados questionários pré-formatados ou entrevistas, as interações com os usuários anônimos<sup>5</sup> foram interpretadas e retorquidas puramente a partir da intencionalidade deste perante a interlocutora. O diálogo virtual foi mantido pelo tempo que o parceiro demandou, conferindo a decisão de interrupção da conversa para a segunda parte desta equação relacional. Isto significa que a voluntária-participante manteve sua presença nas argumentações até o momento em que sua parceira não se sentia mais na zona cômoda de suas intenções e entretenimento sendo saciados.

Apenas uma peça do diálogo foi previamente posta como inflexível dentro deste jogo randômico<sup>6</sup>: quando questionada ou quando achasse propício a usuária deveria

---

<sup>5</sup> Os termos que indicarem o parceiro da conversa neste artigo sempre serão apresentados no gênero masculino pois durante a pesquisa todas as conversas com extratos substanciais tiveram como interlocutores indivíduos que explicitaram o próprio gênero como “masculino”.

<sup>6</sup> Dasmaceno (2013) ao analisar os relacionamentos no Omegle pelo prisma da sociabilidade apoiado em Alfred Schutz e sua *Fenomenologia e Relações sociais* (1979) confere certa jogabilidade motivada pela característica randômica do site. O usuário para Dasmaceno, sempre sendo compelido a ir para outra conversa procurando uma nova parceira, seria impulsionado pelo prazer do próprio jogo ao fazê-lo. Alguns incômodos remanescentes não desapareceram após a leitura de Dasmaceno, e dentro dos quais distendendo um esforço para ponderá-los neste texto. Uma das principais inquietações que restaram aponta para um motivo além do simples jogo randômico, o indício de um desapontamento perante a uma intenção que quando não alcançada, enerva-se e exige outra conexão.

---

despejar quatro dados sobre si: *36, f, Brazil, black*. As três primeiras informações derivam de uma pergunta que aparece amiúde e prematuramente nas conversas do *Omegle: asl?* Os termos corretos aplicáveis às siglas são *age* (idade), *sex* (gênero), *location* (localização). Perante ao questionamento, três aspectos são desvelados na conversa pela Sujeita: *36* (anos), *f* (*female*, ou, gênero feminino), *Brazil* (Brasil). Nota-se o fato da ausência de uma descrição mais detalhada, este ponto foi deliberadamente ocultado pois desse modo abre-se possibilidades para a imaginação do parceiro, fato que será alvo de reflexão neste artigo.

Além das informações básicas decididas previamente, foi necessário aplicar certo direcionamento para o pareamento de parceiros. O site de *chats online* oferece uma escolha de idiomas antes do início da conversação, dessa forma o pareamento se converte entre pessoas que escolheram a mesma opção dentre as línguas disponíveis. Em um primeiro momento o idioma escolhido foi o português, porém após algumas conexões, percebeu-se que os pares começaram a se repetir. A partir daí, foi escolhido o idioma pelo qual a Sujeita tem mais domínio após o português sendo a língua inglesa. O intuito desta escolha embasou-se em abranger ao máximo as possibilidades sem repetição de interação com a voluntária<sup>7</sup>, e colher as interpretações estrangeiras em face à nacionalidade brasileira.

Sem reconhecimento ou identificação, a Sujeita ao clicar no modo *text* e iniciar o processo, aciona a janela para o chat. Dentro deste, a voluntária-participante é identificada como “You” (você) e o interlocutor como “Stranger” (estranho). 31 conexões se sucederam, das quais 12 sofreram uma desconexão imediata ou o contato não obteve nenhuma troca de quaisquer tipos de informações pessoais. Seis *strangers*

---

<sup>7</sup> Assume-se que o inglês é a língua mais falada do mundo. Esta herança vem do imperialismo econômico e cultural do países que possuem este idioma como língua nativa (Inglaterra), e países que o implementaram por colonização (Estados Unidos, Jamaica, África do Sul, Índia e muitos outros). Chamo atenção para a bolha que nos inserimos ao fazê-lo. O apartheid tecnológico combinado ao linguístico abrange a nova cartografia terrestre de inclusão de uma pequena parte com acesso ao desenvolvimento tecnológico e financeiro e a exclusão de um grande grupo cada vez mais pobre e isolado desses avanços. Para mais informações sobre esta estrutura, vide os estudos de Sibila (2016).

---

operaram cortes da continuidade das conversas após receberem a informação *black* e cinco abandonos aconteceram após a informação *Brazil*<sup>8</sup>.

## O Espaço Vazio

Um diálogo travado no *Omegle* traz reflexões sobre a relevância da corporeidade imaginada pelo *outro* neste ambiente. O parceiro autoconstruído como 28, m, *London* (28 anos, gênero masculino, Londres) ao ser indagado sobre a sua intencionalidade no site, expressou o seguinte motivo, “i’m looking for a cute girl” (“estou procurando por uma garota fofa”), diante desta resposta desencarilhou-se a seguinte troca:

*You: why does it matter if she's cute if you can't see her?*  
*Stranger: Ha it's a good question*  
*Stranger: It makes no difference*  
*You: so, why you look for a cute girl on a website that you can't see anyone?*  
*Stranger: I wish I had a good answer to that!*  
*Stranger: But I don't*  
*Stranger: It's just a line*  
*Stranger: You got me!*  
*You: answer the first thing that comes into your head*  
*Stranger: About what?*  
*You: about why appearance matters even when you don't have visual contact*  
*Stranger: Because we use our imagination to build a picture of the other person*<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> É necessário pontuar que cinco conexões fora dessas duas lógicas tiveram um destino peculiar. Duas interações foram interrompidas pelos parceiros quando a Sujeita recusou migrar a conversação para o aplicativo de celular *Snapchat* e outras duas foram finalizadas após a renúncia da mesma em divulgar seu Facebook pessoal. Uma interação foi abertamente iniciada com uma sugestão de zoofilia a qual a Sujeita repugnou efusivamente, desconectando assim que compreendeu a mensagem. Esta foi a única vez que houve desconexão por parte da Sujeita. Nenhuma dessas interações receberam a informação sobre a cor ou localidade, dessa forma não foi possível mensurar a reação dos parceiros a partir deste dado.

<sup>9</sup> *Você: Por que importa que ela seja fofa se você não pode vê-la? / Estranho: Ha é uma boa pergunta. Não faz diferença nenhuma. / Você: então, por que você procura por uma garota fofa em um website que não pode ver ninguém? / Estranho: Gostaria de ter uma boa resposta para isso! Mas não tenho. É apenas uma expressão. Você me pegou! / Você: responda a primeira coisa que vier à sua mente. / Estranho: Sobre o quê? / Você: sobre o porquê a aparência importa quando você não tem contato visual / Estranho: Porque nós usamos a nossa imaginação para construir uma imagem da outra pessoa (tradução minha).*

---

“Porque nós usamos nossa imaginação para construir uma imagem da outra pessoa”. A condensação dessa afirmação é atravessada de uma intensidade que ao primeiro olhar pode soar como banal. Contudo, nesta simples frase podem estar contidas violências simbólicas balizadas por o que cada um considera como inimaginável. Para revolver este fato, pensemos na metodologia arqueológica foucaultiana: como se dá imaginação no Omegle? De cunho muito amplo este questionamento ainda não é suficiente, distendendo-se para: a imaginação na plataforma seria moldada pela intenção? Se sim, observemos o exemplo de 28, *m, London*: quais signos “fofos” orbitam dentro da mente deste interlocutor? Os dados básicos da sujeita podem se atrelar a intencionalidade do tipo de corpo “fofo” imaginado pelo interlocutor?

Para fins de análise, é pertinente expor o desfecho da conversa com 28, *m, London*. Após saber que 36, *f, Brazil* era negra, o indivíduo desconectou. Excluindo os diversos empecilhos triviais que poderiam ter motivado a desconexão, a coincidência do usuário sair do *chat* dois segundos após obter a informação da cor de pele da Sujeita, não pode passar despercebida. Ignorar a sua evasão-relâmpago seria uma atitude cínica no fazer desta pesquisa. A fuga aos fatos pode ser lida como uma demonstração que no imaginário deste parceiro, uma mulher negra, não pode ocupar o local de *uma garota fofa*. Isso significa que sua matriz simbólica relativa a *fofura feminina* não comporta a ideia de pele negra, e as suas referências alimentam-se de uma ideologia excludente de determinada raça.

Insisto em dois aspectos antes que este exemplo se extenuie pelo cansaço da análise. O interlocutor ainda vê a Sujeita de 36 anos como uma “garota” para seus propósitos no site, afinal o mesmo não se desligou da conversa após saber sua idade e logo após, confidenciou sua intenção, considerando a possibilidade de ter encontrado seu objeto de desejo. Esse fato fustiga o papel de Sujeita não apenas desta pesquisa, mas o destino cotidiano das Sujeitas no mundo, já que requer uma infantilização da mulher engendrada pelo termo “garota”. E para além disso, a mulher-garota para ser fofa-infantil precisa ser *não-negra*.

### **O extrato da “brasilidade” dos corpos comerciáveis e a “mulata violão”**

Outro excerto dessa acervo de experiências se volta para o quesito “brasilidade” e a estereotipação dos corpos femininos brasileiros. A parêlha neste exemplo identificou-se como *21, m, USA* e posteriormente como *white* (caucasiano ou branco). Os dados *f, Brazil* foram apresentados juntos e não obtiveram resposta imediata, porém quando a idade (*36*) foi exprimida, uma única palavra foi despejada na tela do chat pelo parceiro: “hot” (sexy). No início da interação, o interlocutor sugeriu a dinâmica *roleplay*, ou seja, um “faz-de-conta” sexual que designa papéis para as duas partes e a partir destes uma trama erótica será construída. Apresento abaixo um fragmento considerado relevante para essa discussão:

*Stranger: looking to roleplay?*  
*Stranger: USA*  
*You: yeah, why not?*  
*You: what do you look like?*  
*Stranger: I'm dark brown hair, brown eyes, 5'9, big chest and shoulders*  
*You: i'm 5,7, big black hair, black eyes, dark skin*  
*Stranger: wow that is sexy*  
*Stranger: I'm white just let you know*  
*You: yeah, i'm black*  
*Stranger: mmm so any roles you want?*  
*You: you tell me*  
*Stranger: well stepmom/son, neighbors, best friend's mom or spoiled brat/maid<sup>10</sup>*  
*You: tell me your favorite*  
*You: one that fit us*  
*Stranger: spoiled brat/maid :\$*  
*You: is that because my appearance fit the role of maid?*  
*Stranger: mmm a bit, but also because I loves maids*  
*Stranger: unless you like the fact I picked because your brazilian ;)<sup>11</sup>*

<sup>10</sup> *Madrasta/filho, vizinhos, melhor amiga da mãe ou menino teimoso/empregada doméstica* são tipos de papéis que cada participante ocupará no *roleplay*. Neste caso, quando há uma discriminação de papéis generificados dentre as sugestões de *roleplay*, esses serão automaticamente assignados para as partes masculina e feminina da conversa, por exemplo, a *Sujeita* seria a melhor amiga da mãe do parceiro, pressupondo uma diferença de idade conveniente às idades reais aos integrantes da conversa.

<sup>11</sup> *Estranho: procurando por roleplay? EUA. / Você: sim. qual a sua aparência? / Estranho: eu tenho cabelos castanhos escuros, olhos castanhos, 1,80 cm de altura, peito e ombros largos. / Você: Eu tenho 1,74 de altura, cabelos longos e pretos, olhos pretos, pele escura. / Estranho: uau, sexy. eu sou branco, só pra você saber. / Você: é, eu sou negra. / Estranho: mmm então tem preferência por algum papel? / Você: você decide. / Estranho: bem madrasta/filho, vizinhos, melhor amiga da mãe ou menino teimoso/empregada doméstica. / Você: me diga o seu favorito. um que seja apropriado para nós. / Estranho: menino teimoso(pirralho)/empregada doméstica :\$. / Você: É por causa da minha aparência que se encaixa no papel de empregada doméstica? / Estranho: mmm um pouco, mas também porque eu*

A descrição do seu corpo que a Sujeita dá ao seu parceiro de conversa é sintética e superficial. Não menciona detalhes de sua conjuntura corporal, como o tamanho dos quadris, a espessura das suas coxas ou a circunferência de seu busto, mesmo assim a reação colhida é “*wow that is sexy*”. Mais adiante encontramos uma curiosa escolha dos papéis para o *roleplay*. O usuário opta por ser *um menino teimoso/pirralho* enquanto a Sujeita da pesquisa seria uma *empregada doméstica*, provavelmente a serviço da casa do primeiro. Ao ser perguntado se a designação estaria associada com a cor de pele da parceira, o interlocutor responde, “mmm um pouco, mas também porque eu amo empregadas domésticas / a não ser que você goste do fato de eu ter escolhido porque você é brasileira ;)”.

O evidente nessa declaração é a correlação feita entre a subserviência do papel de uma empregada doméstica atrelada a um jogo erótico e a nacionalidade brasileira de uma mulher negra. Apesar da finalidade dessa pesquisa não ser qualificar moralmente ou analisar as condições psicológicas do desejo e dos fetiches, ainda assim há uma vontade de elucidação dos sentidos simbólicos que são escolhidos para protagonizar os desejos, constituintes da designação desses papéis. Ou melhor, investiga-se aqui o porquê das atualizações do desejo referirem-se a estereótipos de determinados indivíduos.

Lélia Gonzalez contemplou em suas reflexões no ensaio *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1984) pontos caros a esse debate. Sua peregrinação intelectual ainda se mostra atual para o simbolismo da mulher negra não apenas no território nacional, mas mundial. A antropóloga denunciou as três vertentes de atualização das mulheres negras brasileiras na seleção do senso comum: a mulata, a mucama e a mãe-preta. Gonzalez (1984), sob a perspectiva psicanalítica parte do apontamento do lugar da mulher negra na formação cultural brasileira e seus diferentes aspectos de rejeição e integração.

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra

---

*amo empregadas domésticas. a não ser que você goste do fato de eu ter escolhido porque você é brasileira ;)* (tradução minha).



---

transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes, por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos; e os “flashes” se sucedem, como fogos de artifício eletrônicos. E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro (Gonzalez, 1984, p. 228).

A violência simbólica do enquadramento da mulher negra transformada em mulata se inicia a partir de seu endeusamento não apenas no carnaval, mas em toda situação de ganho sexual, as glorificações por terceiros nessas ocasiões não são comedidas. Entretanto, isso se comuta em outra face, Gonzalez chama atenção para o cotidiano dessas mulatas, fora de suas alegorias feéricas carnavalescas, ressalta a carga de racismo diário que reterritorializa a mulata no papel de empregada doméstica. Dessa forma, a partir dos elementos apresentados, “(...) se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (GONZALEZ, 1984, p. 228).

Estes estigmas sobre a mulher negra existem paralelamente, tal como sua terceira face, a da mãe preta, caudatária do papel doméstico, atrelando o cuidado da casa ao zelo pelas crianças residentes desta. A segunda conversa virtual exposta traz o fetiche *spoiled brat/maid* que considero a epítome ilustradora das amostragem de Gonzalez. Neste *roleplay* encontra-se as três categorias descritas pela autora: a mulata sensual, que no desejo do proponente está correlacionada com a figura da brasileira internacionalmente comerciável e desprovida economicamente, culminando em seu cargo de empregada doméstica (*maid*) e a mãe preta, já que na fantasia, há uma tensão maternal sendo embaralhada pelos dois outros papéis, pois a idade do objeto de desejo é mais avançada em comparação com a do parceiro, atualizado como um *brat*, um menino mimado.

Com a raça e nacionalidade desnudas, reações de uma exotização colonizadora foram colhidas e os desfechos de rechaçamento dignos de notoriedade emergiram. Os

---

movimentos imagéticos de desejo desses sujeitos, seus atos de designação de uma nacionalidade e raça ao servilismo eroticizado e a recusa de um coquetismo no corpo e na subjetividade de uma mulher negra precisam ser compreendidos em sua fenomenologia. Retornemos às raízes dessas relações.

### **Corpo-subjetividade moderno/colonial de gênero**

As relações, mesmo que efêmeras, entre as duas partes das interações travadas no *Omegle* devem ser levadas em consideração na base de suas configurações. Invoco o diagnóstico de Foucault sobre as relações humanas para pensá-las: “toda relação humana é, a um certo grau uma relação de poder. Nós evoluímos num mundo de relações estratégicas perpétuas. Qualquer relação de poder não é má em si mesma, mas isto é um fato que comporta sempre perigos” (FOUCAULT, 2001, p. 1193, tradução minha). Os diálogos aqui explicitados denotam estes perigos sucessores das dinâmicas do trato do poder e se empregado de forma sistemática e despótica, o poder pode se configurar em opressão.

O contexto do mundo concreto concede material suficiente para a percepção das variáveis comportamentais do poder e como elas atuam nas fendas entre as diferentes individualidades, e simultaneamente, em suas intersecções. Esquece-se no decorrer dos aviltamentos do poder que a raça/etnia, a classe, o gênero, o desejo sexual, a geração e a localização são designações linguisticamente talhadas sobre materialidades genealogicamente esculpidas pelas sobreposições de poder de uma cultura dominada por uma cultura dominante. As imposições dos autodefinidos centros colonizadores às suas designadas margens colonizadas se encontram atualmente, como se já não existissem há tantos séculos, nas articulações do poder da vida cotidiana e nos traços destas efêmeras conversações virtuais. Como pontuou Foucault (2001), estes traços podem comportar perigos que emergem nos defrontamentos, identificáveis nas reações dos usuários mencionados, frutos das pré-concepções localizadas no vácuo de sentidos entre as vírgulas de 36, f, *Brazil* que os parceiros de conversa preencheram a partir de suas referências.

---

Da necessidade de explicitar as pressões de poder sobre os corpos, mesmo que imaginados em sua virtualidade, uma digressão genealógica deve ser levada em conta. Em *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*<sup>12</sup> (2000), Aníbal Quijano identifica a ideia de raça como um dos eixos mantenedores do padrão de poder mundial sobre os indivíduos cuja construção se deu abaixo das vigas da colonização dos outros continentes pela Europa. Para Quijano (2000), a máquina colonialista dos séculos escravagistas era movimentada por engrenagens comandadas pelo saber moderno e eurocêntrico.

O principal ponto a ser resgatado na trama de poder da Modernidade é o êxito da narrativa européia, que atribuía a si mesma, o estado mais avançado e longínquo do temido estado de natureza. Conseqüentemente, os europeus seriam os *mais desenvolvidos da espécie humana*, e toda sua simbologia era exaltada. Como suas lógicas só funcionavam no formato dicotômico, o estágio de todos os outros povos era anterior e inferior em relação a eles. Os europeus carregaram o mérito de serem os únicos portadores e acionadores (e criadores) desse artefato mais inovador do momento, a modernidade, difundindo e sedimentando sua narrativa hegemonicamente em um novo panorama intersubjetivo do padrão mundial de poder.

Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais, [...] acabaram sendo articulados em uma única ordem cultural global ao redor da hegemonia européia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão do poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e, sobretudo, do conhecimento, da produção do conhecimento. No processo que levou a esse resultado, os colonizadores exerceram diversas operações que dão conta das condições que levaram à configuração de um novo universo de relações intersubjetivas de dominação entre Europa e o europeu e as demais regiões e outras e populações do mundo, as quais estavam sendo atribuídas, no mesmo processo, novas identidades geoculturais (QUIJANO, 2000b, p. 209, tradução minha).

Com a concepção da “razão humana”, segregar sujeitos em hierarquias tornou-se uma conveniência da colonização. Os indivíduos das colônias foram historicamente diferenciados entre binarismos redutores das potencialidades, como primitivo e

---

<sup>12</sup> Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina (tradução minha).

---

civilizado, tradicional e moderno, superior e inferior, racional e irracional, negro/índio<sup>13</sup> e branco. As dicotomias tornaram-se prerrogativas para classificar os colonizados para os propósitos capitalistas de seus colonizadores, justificando explorações escravagistas através de categorizações relativas a subculturas iletradas, privações de suas heranças intelecto-culturais e o aniquilamento de populações inteiras. Dessa forma, as ideias eurocêntricas formaram uma potente tríade de delineamento das subjetividades e dos corpos: o saber/poder/existir foram lidos e (re)estruturados por lentes modernas-européias e coloniais, e as hastes divergentes das fôrmas impostas deveriam ser dominadas e/ou ceifadas consumando a estrutura de poder que Quijano nomeia como *colonialidade de poder*.

Maria Lugones ao rever o trabalho de Quijano sublinha os outros atravessamentos em uma corporalidade feminina. A filósofa entende o fato de opressões múltiplas atuarem sobre os corpos das mulheres, algo que a mesma nomeia como “marcas potentes de dominação”. Lugones volta-se para as mulheres não brancas e as violências que as mesmas podem sofrer em um sistema de colonialidade de poder, e que neste contexto caracteriza-se em uma *colonialidade de gênero*. Ou seja, a filósofa joga luz sobre não somente a categoria mental da modernidade, a “raça”, mas também sobre a ficção binária chamada de “masculino” e “feminino” e como Quijano “não tomou consciência sobre sua própria aceitação do significado hegemônico de gênero” (LUGONES, 2008, p.78, tradução minha). Como Lugones enfatiza,

Portanto, a "colonialidade" não se refere apenas à classificação racial. É um fenômeno abrangente, uma vez que se trata de um dos eixos do sistema de poder e, como tal, permeia todo controle de acesso sexual, da autoridade coletiva, do trabalho, da subjetividade/intersubjetividade, e da produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Em outras palavras, todo o controle do sexo, subjetividade, autoridade e trabalho, são expressos em conexão com a colonialidade (LUGONES, 2008, p.79, tradução minha).

---

<sup>13</sup> No caso do continente africano e das américas. Posteriormente as demais raças colonizadas também entraram nesta classificação binarizante, como por exemplo, no caso da colonização do Vietnã pela França, amarelos e brancos, respectivamente.

---

Para a filósofa há uma indissociabilidade nos locais onde a opressão atua sobre a singularidade dos corpos femininos com borrifos de racialização, generificação e imposição de classe social. As marcas potentes de dominação atuam de tal forma que todas elas reduzem e modelam o indivíduo sem estarem separadas das outras marcas. Lugones denomina esse movimento como o *sistema moderno/colonial de gênero*, fomentador da imposição universal não apenas do dimorfismo sexual mas também da inferiorização da geolocalização e cor de pele das sujeitas em relação aos esquemas da colonialidade do poder.

Perante a exposição dos eixos de dominação em cada área da existência pelo sistema moderno/colonial de gênero nos deparamos na amálgama do corpo com a subjetividade. O termo “corpo-subjetividade” se constrói neste texto por dois anteparos: a primeira provém da capacidade do corpo estar no mundo. Esse fato influencia na forma como os outros agentes interagem com este corpo, influenciando diretamente na sua subjetividade, assim sua psique é atravessada radicalmente por uma experiência vivida de sua materialidade no espaço. Em vias de melhor entendimento, basta imaginar o tipo de tratamento específico que um indivíduo fora das normas hegemônicas de ser e estar no mundo pode sofrer em diferentes contextos. Quão mais disruptivo mais atizador do projeto de subalternização dos dissonantes. Imagine um indivíduo auto-identificado como uma travesti negra se deparando com uma passeata onde os integrantes buscam manter as crenças e convicções da ideia de uma família embasada na heterossexualidade e na gestação em nome da prole. O corpo-subjetividade então é diretamente afetado pelo desejo (ou a falta dele) de estar ali e/ou pelo rechaçamento que aquele indivíduo pode receber em sua interação com o mundo.

O negro sendo definido, a partir do conceito de raça, como pertencendo a uma outra que não a do branco, encontra-se em uma irredutibilidade do estado de seu corpo-subjetividade no mundo, definido pelo outro, como Fanon exprime em *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008):

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de

---

incertezas. Sei que, se quiser fumar, terei de estender o braço direito e pegar o pacote de cigarros que se encontra na outra extremidade da mesa. Os fósforos estão na gaveta da esquerda, é preciso recuar um pouco. Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva (p. 104).

O conhecimento implícito de Fanon (2008) é saber que sua vida foi definida por postulados de hierarquização dos humanos antes da sua conscientização das suas potências como Sujeito. O autor mais à frente segreda ao leitor “Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente.” (2008 p. 106). O filósofo parte da intervenção do seu corpo-subjetividade no mundo para explicitar a amputação operada pela inflexibilidade perante ao negro, tencionando para uma vontade de ocupação de um lado neutro, geral e universal do seu estar no mundo, ou seja, o lugar que a branquidade<sup>14</sup> criou, ocupou e protagonizou para ela mesmo.

A perspicácia de Fanon (2008) para traduzir o movimento dialético do seu Eu na grade cultural, social e sensorial da época nos faz retornar às experiências da nossa Sujeita. Existe nas conversas virtuais a mesma irreduzibilidade do seu papel *negra* perante ao usuário. A universalização das características femininas implicadas por alguns usuários ao contemplar apenas informação *f* parte do desejo deu/ ma padronização do desejo dentro de uma zona de imaginação que comporta variadas fabulações, desde que estas estejam longe de seu repertório do que pode e ou não ser uma mulher negra. Os moderadores das potencialidades da Sujeita da pesquisa criam seus cortes através de uma intersubjetividade alimentada pelo sistema moderno colonial de gênero. Sendo assim, a expressão do desejo ministrada por esta intersubjetividade colonial cria um engodo à experimentação de si pela Sujeita que transfigura o seu corpo-subjetividade em um *corpo-subjetividade moderno/colonial de gênero*.

---

<sup>14</sup> Branquidade é a ideia de um sistema de poderes baseado na hierarquização entre brancos e não-brancos e as possibilidades de discriminação que podem existir no interior dessas relações. Essa ideia é mais uma remanescência da colonialidade do poder.

---

A hipotrofia do ser causada pelas experimentações do corpo-subjetividade da Sujeita em *Omele* se constrói por intermédio dos rechaçamentos e compressões que recebe ao não se encaixar no que é lido como um modelo apresentável, pois no real, ela está fora do desejo de muitos e puramente reificada por outros. Nesta conjuntura, este artigo encaminhou-se para a seguinte constatação: para uma mulher negra, brasileira, de 36 anos, o *Omele* se configura como uma rede que na potencialidade de seu virtual resguarda, e por vezes atualiza através de usuários desconhecidos com referenciais pautados no sistema moderno/colonial de gênero, o seu anonimato excludente, causando assim uma inibição de narrar-se como se é na materialidade da vida.

## REFERÊNCIAS

- FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Édition Établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald. Collaboration de Jacques Lagrange, Vol. I et II. Paris. Quarto Gallimard, 2001
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p 223-244.
- LUGONES, M. **Colonialidad y género**. Tabula Rasa, núm. 9, págs. 73-101, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder y Clasificación Social**. Festschrift for Immanuel Wallerstein, part I, Journal of World Systems Research, V. XI:2, summer/fall, 2000.
- SIBILIA, Paula. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2016.